



Rosa dos Ventos

E-ISSN: 2178-9061

rrvucs@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul
Brasil

de Alcântara Bittencourt César, Pedro; Veroneze Stigliano, Beatriz
Patrimônio Rural e sua Relação entre o Local e o Visitante: Um Estudo de Bananal (SP)
Rosa dos Ventos, vol. 4, núm. 2, abril-junio, 2012, pp. 136-157
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473547089003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Patrimônio Rural e sua Relação entre o Local e o Visitante: Um Estudo de Bananal (SP)

Revista Rosa dos Ventos
4(II) 136-157, abr-jun, 2012
Dossiê Turismo e Neorruralidades
© O(s) Autor(es) 2012
ISSN: 2178-9061
Associada ao:
Programa de Mestrado em Turismo
Hospedada em:
<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Pedro de Alcântara Bittencourt César¹, Beatriz Veroneze Stigliano²

RESUMO

Estuda-se a relação entre a sociedade local com os seus bens arquitetônico na localidade de Bananal (SP). Inicialmente, utilizando de fontes bibliográficas, define-se patrimônio e seu desdobramento em patrimônio arquitetônico e patrimônio arquitetônico rural. Estes estatutos favorecem ao entendimento no local. A realização de pesquisa quantitativa junto à demanda colabora para compreender o perfil do visitante e a maneira visitação dos atrativos, utilizados na atividade do turismo, na zona rural, estabelece o elo entre bens, os locais e os visitantes. Caracteriza-se o produto, o patrimônio, os atores envolvidos e o turista do turismo rural do leste do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Turismo Rural.
Patrimônio Arquitetônico.
Turista. Bananal-SP.

ABSTRACT

Rural patrimony and its relationship between locality and visitor: a study from Bananal (SP). It is studied the relationship between the local society with its architectonic goods in the locality of Bananal (SP). Initially, using bibliographic sources, patrimony is defined and it is unfolded in architectonic patrimony and rural architectonic patrimony. These statutes favor understanding at local level. Conducting quantitative research along the process helps to understand the visitor's profile and the manner of visitation of attractions used in tourism activity in rural zone, and establishes the link between goods, localities and visitors. The tourism product, the patrimony, the actors involved and the rural tourist from east São Paulo State are characterized.

Keywords: Rural Tourism
Heritage. Tourist. Bananal-SP.

¹ Doutor. Professor e pesquisador do Mestrado em Turismo, da Universidade de Caxias do Sul. Email: pabcesar@ucs.br

² Doutor. Professora da Universidade Federal de São Carlos. Email: beatrizstigliano@yahoo.com.br

RESUMEN

Patrimonio rural y la relación entre lo local y lo visitante: un estudio de Bananal (SP). Se estudia la relación entre la sociedad local con sus bienes arquitectónicos en la localidad de Bananal (SP). Inicialmente, con el uso de las fuentes bibliográficas, se define el patrimonio y su desdoblamiento en patrimonio arquitectónico y en patrimonio arquitectónico rural. Estos estatutos favorecen la comprensión en el local. La realización de la investigación cuantitativa junto a la demanda colabora para comprender el perfil de los visitantes y la manera de la visitación de los atractivos, utilizado en la actividad turística, en la zona rural, establece el enlace entre los bienes, locales y visitantes. Si caracteriza el producto, el patrimonio, las personas presentes en este estudio y lo turista del turismo rural del estado de São Paulo.

Palabras Clave: Turismo Rural.
Patrimonio Arquitectónico.
Turista. Bananal-SP.

INTRODUÇÃO

O patrimônio de Bananal mantém uma relação com os valores e representação do ciclo cafeeiro do período imperial. Nesta pesquisa, buscou-se compreender qual a relação entre a sociedade e a produção e usos sociais na definição do Patrimônio Arquitetônico. A região compreendida por Bananal, ou seja, o Vale do Paraíba tem seus valores patrimoniais associados ao patrimônio rural do período imperial cafeeiro. Hoje, depois de décadas do declínio produtivo o turismo torna-se uma de suas opções produtivas. A visitação associa o bucólico do panorama rural com o acesso ao legado histórico-arquitetônico.

Nesta pesquisa, de natureza qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; CHIZZOTI, 2005), delineamos um panorama acerca da situação atual encontrada no município de Bananal, Estado de São Paulo. Os elementos analisados se relacionam à utilização do patrimônio rural para a atividade turística. Confronta-se uma pesquisa entre fontes secundárias acerca da história deste ciclo produtivo na localidade e a localização dos atores, e patrimônios, envolvidos com a visitação rural. Assim, identificamos os principais meios de hospedagem e atrativos histórico-culturais do município em funcionamento.

Deste modo, o desenvolvimento da pesquisa se baseia em observação direta extensiva, com a realização de entrevistas com sujeitos relacionados à gestão do patrimônio e de meios de hospedagem situados na área rural do município. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram realizadas no mês de fevereiro de 2011. Um dos hotéis-fazenda não forneceu informações durante a visita, tendo sido enviadas por correio eletrônico, posteriormente.

O RURAL E O AGRÁRIO NA FORMULAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Não se espera abrir polêmica acerca do significado de rural. Apresenta-se, assim, como recorte utilizado, para definir seus limites conceituais. A configuração de seu objeto torna-se necessária para o reconhecimento desses objetos patrimoniais, principalmente arquitetônicos, na utilização da prática do turismo rural.

Define Lefebvre (1986) que se vive em uma sociedade urbana. Para este intelectual, esta situação se caracteriza pela condição totalizante do momento atual, com uma dimensão do urbano, que envolve todas as relações sociais. Na mesma direção, embora com uma síntese diferente, Graziano (1999), em sua pesquisa denominada como 'rurbano', demonstra a recorrência do emprego dito urbano, nas áreas rurais. O rural, como dimensão social, tem sido frequentemente abalado pela atual lógica contemporânea. Hoje, no campo, o sujeito pode estar ligado a diversas redes, principalmente, após a inserção de novas tecnologias.

Os atuais modelos de definição de rural pouco condizem com a realidade existente. Outrora, o rural era uma mera classificação que carregava consigo o conceito dicotomizado do urbano, quase que pelo aspecto residual – a área onde não havia uma densidade populacional elevada era classificada como rural (CÉSAR, STIGLIANO, 2000b, p.110).

Segundo Saraceno (1996), isso se deve, em parte, devido ao fato de que as outras atividades paralelas ou integradas com as agrícolas são incorporadas aos meios rurais. Essas são adaptadas no ambiente rural forçando a procura por um novo critério de diferenciação espacial que qualifique o rural.

Outra questão que distorce a leitura de dados no desenvolvimento do espaço rural está relacionada com a metodologia adotada no sistema de recenseamento adotado pelo governo brasileiro, que utiliza como conceituação de área urbana: "áreas, urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sede distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A Situação Rural abrange toda a área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos" (BRASIL, 2011). Ao nosso entender, mais critérios devem estar envolvidos para tal caracterização.

Encontra-se no espaço rural uma baixa taxa de aglomeração e grande extensão agrária e, conseqüentemente, baixa densidade. Nele, associam-se as atividades econômicas ao setor primário e há grande estrutura de dependência econômica de outros centros. Têm-se, assim, muitas 'cidades brasileiras' que, por esses fatores, além de seu bucolismo, meios e costumes, podem ser caracterizadas como espaço agrícola. Adota-se, assim, uma perspectiva sócio espacial de definir os espaços rurais ou zonas rurais por locais "onde imperam as relações clássicas e tradicionais de relacionamento, no cotidiano social e profissional" (CÉSAR, STIGLIANO, 2000a, p.119).

A DEFINIÇÃO DO PATRIMÔNIO RURAL

A história do Brasil pode ser marcadamente observada por ciclos econômicos baseados em produtos agrícolas e o extrativismo. O pau-brasil, a cana de açúcar, o algodão, a seringueira, o café, o gado (bovino, com o charque), são os principais produtos que definem formas urbano-arquitetônicas e processos históricos distintos. A partir deles, foram realizadas transformações sócio-espaciais marcantes. A análise delas torna-se um amplo, rico e vasto estudo, como realizado por Bicca e Bicca (2008). Espera-se, assim, apresentar alguns valores da utilização do patrimônio histórico-arquitetônico para o turismo rural. Restringe-se a área específica de pesquisa do vale histórico (parte do vale do Paraíba paulista), região marcante no ciclo imperial cafeeiro.

Esta região é o testemunho vivo de uma sociedade escravocrata cafeeicultora, que vivia em uma espécie de 'agro-vila', com aspectos marcantes como, por exemplo, um pequeno comércio, uma

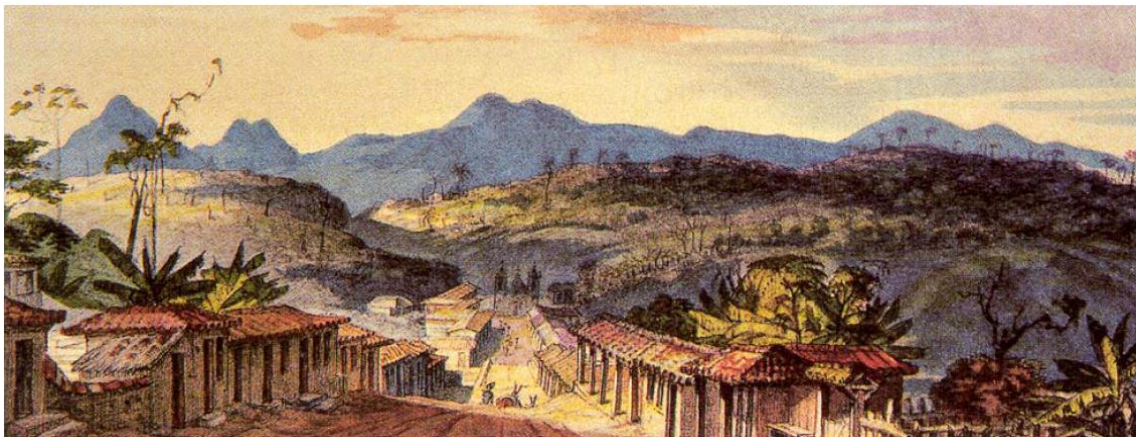
relação social e religiosa de sincretismo advindo da união dos cultos africanos e cristãos, bem como uma capela para a manifestação da religiosidade católica. Hoje, com suas características peculiares à região, restaram casarios, capelas, senzalas, casas de moenda e de armazenagem, entre outros elementos, no meio citadino ou rural, com utilização variada (CÉSAR; STIGLIANO, 2000b, p.91).

Ao relatar o forte apelo turístico do Vale do Paraíba, Pellegrini Filho lembra, em um inventário intitulado Turismo Rural, a presença das “fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba” (PELLEGRINI FILHO, 1997, p.81-82). Sabe-se, também, que, em um levantamento da década de 1970, o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - SPHAN-SP inventaria cerca de 500 propriedades agrárias com características e condições “ideais para serem recicladas”. Estas estão localizadas em São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Pindamonhangaba, Bananal, Areias, São José do Barreiro, no estado de São Paulo, além de Itajubá e Varginha, em Minas Gerais, e Vassouras e Valença, no estado do Rio de Janeiro, entre outras. O perfil destas fazendas associa os recursos naturais com os “atrativos culturais”, que reportam ao século XIX.

Apesar de todo este aporte memorial que as questões do patrimônio oferecem para o Brasil e o mundo se dá pouca atenção ao patrimônio rural. Pode-se observar esta questão ao estudar as Cartas Patrimoniais (BRASIL, 2011), por exemplo. Prioriza-se o bem cultural na formação do urbano e no Brasil, sobretudo em relação a sua lógica no período colonial.

Na marcha do Café, as primeiras localidades paulistas que se destacaram na produção foram as da Serra da Bocaiana (Figura 1). Dessa forma, Bananal se estabelece no cenário nacional de produtor dessa rubiácea, alterando sua antiga condição de pouso do escoamento das minas das Gerais a um dos maiores produtores de café do país.

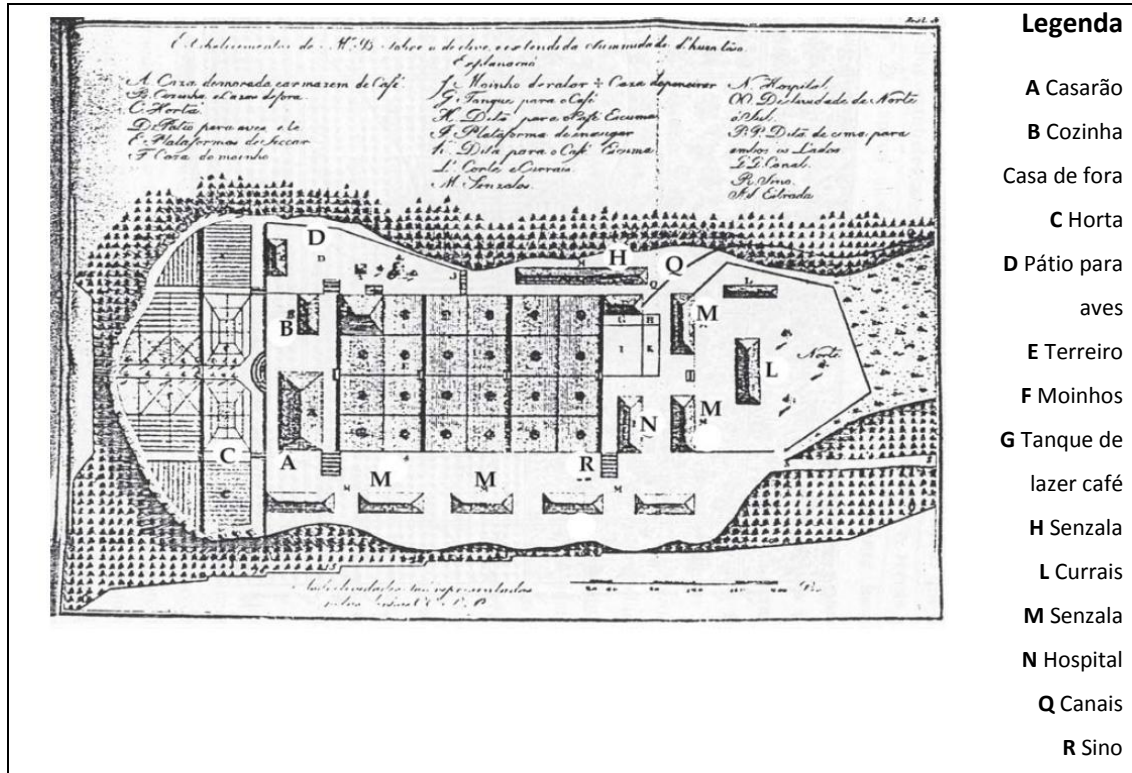
Figura 1. Bananal em 1827. Aquarela de Jean B Debret.



Fonte: O café. São Paulo. Banco Real/ABN AMRO Bank, p.21.

No mundo, experiências de produção em colônias europeias eram conhecidas. Assim, se adotam recomendações diversas, para a distribuição espacial, como a proposta pelo produtor das Antilhas, P. J. Laborie. Ele estabelece recomendações para o cultivo do café na América (LABORIE, 1789), utilizando, como exemplo, a Ilha de São Domingo. O livro, traduzido em 1799 para o português, torna-se referência direta e, principalmente, indireta para a reprodução do espaço para o café. Nele, por exemplo, sugere-se a construção das residências na parte mais alta da propriedade.

Figura 2. Vista superior de uma propriedade cafeeira em São Domingos



Fonte: CARRILHO, 1994, p.27.

Algumas características são recorrentes nas formas arquitetônicas. Assim, “pode-se observar uma aproximação do palladianismo, que no final do século XVIII havia sido retornado com a corrente neoclassicista. Não só a melhor organização das atividades da propriedade estava em jogo na proposta de inclinação dos edifícios, mas também uma representação simbólica do poder, com certo destaque para o casarão, a residência do fazendeiro” (BENINCASA, 2009, p.33). Entretanto, estas regras não eram originais. Antes mesmo da produção cafeeira ela já era adotada no processo colonial por engenheiros militares.

O principal elemento da distribuição espacial das fazendas no vale do Paraíba paulista foi o terreiro. Sua forma retangular cria uma lógica simétrica nos outros equipamentos, deixando a moradia principal como composição dessa paisagem definida. Entretanto, os arranjos construtivos já se encontravam nos antigos engenhos de cana, trazidos pelos portugueses. Nas construções, seu posicionamento, principalmente da casa senhorial, estabelece hierarquias. Sua disposição facilmente identifica as funções e a distribuições econômicas e sociais. Tal condição torna a fazenda Boa Vista um bom exemplo desta solução.

O Casarão, ou seja, a casa sede do proprietário era revestida de requinte e marcava a arquitetura da propriedade. Sua edificação, primeiramente, sofre a influência mineira, que se somava à ordem clássica, introduzida no país. Na técnica construtiva, comumente adota-se uma base de um primeiro andar, ou porão de embasamento de pedra, e as paredes superior coroadas em taipa de pilão. Nas divisórias internas predomina a taipa de mão (pau-a-pique)

Cultua-se o café das mais variadas formas. As paredes das residências são cobertas de elementos clássicos. Desenhos e adornos diversos misturam o cotidiano local, terras distantes e a ocidentalização europeia, regados de ramas de café, quase sempre. Atualmente, parte desses valores se distribuem, mesmo que modestamente, pelos remanescentes das fazendas do ciclo imperial.

O AGROTURISMO E O TURISMO RURAL

Comumente, define-se todo turismo fora da área urbana como turismo em espaço rural. Dentro dele, existe um conjunto de definições, que se associam às atividades turísticas no espaço rural e, finalmente, dentre essas se adota o agroturismo. A definição de turismo rural, a princípio, perpassa a definição estabelecida pelo Governo Federal. Esta necessidade conceitual torna-se importante, no mundo capitalista, para estabelecer os valores produtivos. Observa-se que, no Brasil, são estabelecidos marcos referencias do Turismo Rural em diversos documentos (BRASIL, 2006; BRASIL, 2007; BRASIL, 2008; BRASIL, 2010). Na Diretriz para o desenvolvimento do Turismo Rural tal abordagem fica mais clara na sua definição. Principalmente, do que não é turismo rural. Sua prática está, entretanto associada “ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade”. (BRASIL, 1997, p.11). Em São Paulo, estado essencialmente industrial, a prática de turismo rural tem criado uma ampla oferta (Figura 3). Nela associa os mais variados ciclos produtivos. Entretanto, Reforçamos que, em sua prática, quanto aos aspectos culturais, deve prevalecer:

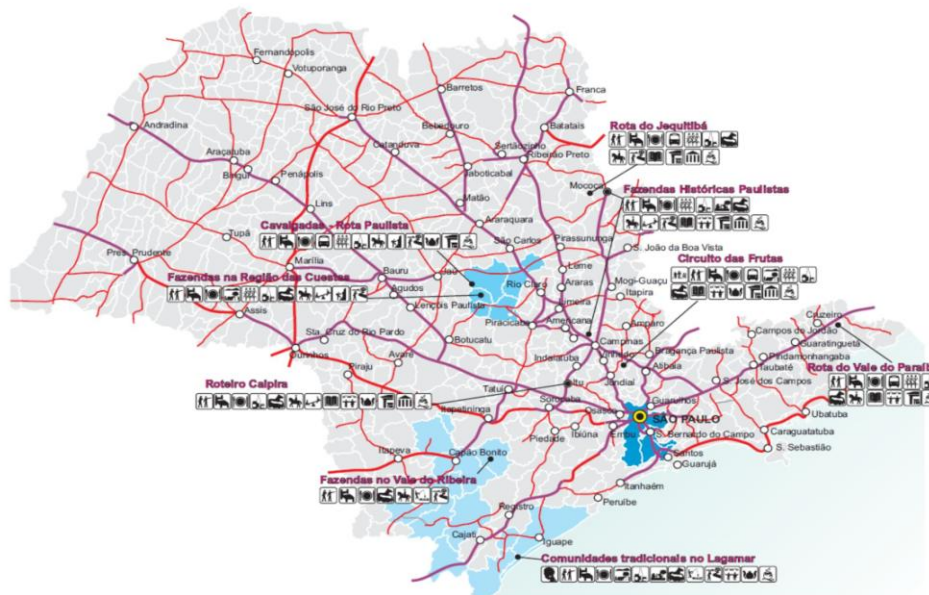


Figura 3: Distribuição do turismo rural no Estado de São Paulo

Fonte: Brasil, 2008.

Manutenção dos elementos e das estruturas tradicionais – manifestações folclóricas, culinária, produção artesanal, técnicas construtivas, celebrações, valores, modos de vida e ideais das comunidades rurais, além de elementos que referendem a história da região e das famílias (BRASIL, 2010, p.22).

O turismo rural define como uma atividade de serviço que se instala em uma propriedade rural, normalmente fazenda. Nela, o proprietário deve adaptar a sua atividade o mínimo possível, para receber o turista como se fossem ‘velhos amigos’. O turista participa do cotidiano e das produções primárias da fazenda.

No vale do Paraíba distingui uma área bucólica. Nesta região, denominada de vale histórico, prevalece atividades voltadas ao setor agrário, e com forte legado aos antigos ciclos econômicos. Com tais referências, estudamos Bananal (Tabela 1).

Tabela 1: Propriedades de interesse turístico no Vale Histórico

Inventário do Turismo rural do Vale histórico (SP)															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	Localização
Areais															
Pousada do Condé															Serra da Bocaina
Bananal															
Chácara Santa Inês															Vila Bom Jardim
Fazenda Coqueiros															SP-68, Km 309
Fazenda Independência															SP-64, km 329
Fazenda Resgate															SP-64, km 324
Hotel Fazenda Boa Vista															SP-68, km 327
Hotel Fazenda Três Barras															SP-64, km 22,5
Hotel Fazenda Casa Grande															Estr. Bocaina, km 1
Pousada Flor da Serra															Estr. Bocaina
São José do Barreiro															
Fazenda São Francisco															Estr. São Francisco
Fazenda São Sebastião															Estr. Santa Bárbara
Hotel Fazenda Clube dos 200															SP-68, Km 277
Pousada Fazenda da Barra															Bairro Formoso
Silveiras															
Pousada Fazenda Sto. Antônio da Lagoa															Estrada Bairro do Macaco, km 16,6
Queluz															
Fazenda Casa Nova															Rod. Areias-Caxambu km 254
Pousada Água de Marambaia															Estr. de Marambaia
Sítio São Pedro															Estr. do Rio Entupido

LEGENDA				
1. Agroturismo e agroindústria artesanal	2. Área rural de lazer	3. Armazém rural	4. Camping / Acampamento	5. Cavalgada
6. Eventos	7. Fazenda histórica	8. Hotel rural de lazer	9. Hotel Fazenda	10. Pousada Rural
11. Restaurante rural	12. Turismo rural pedagógico	13. Pesque Pague	14. Restaurante rural	

Fonte: Roque: 2006.

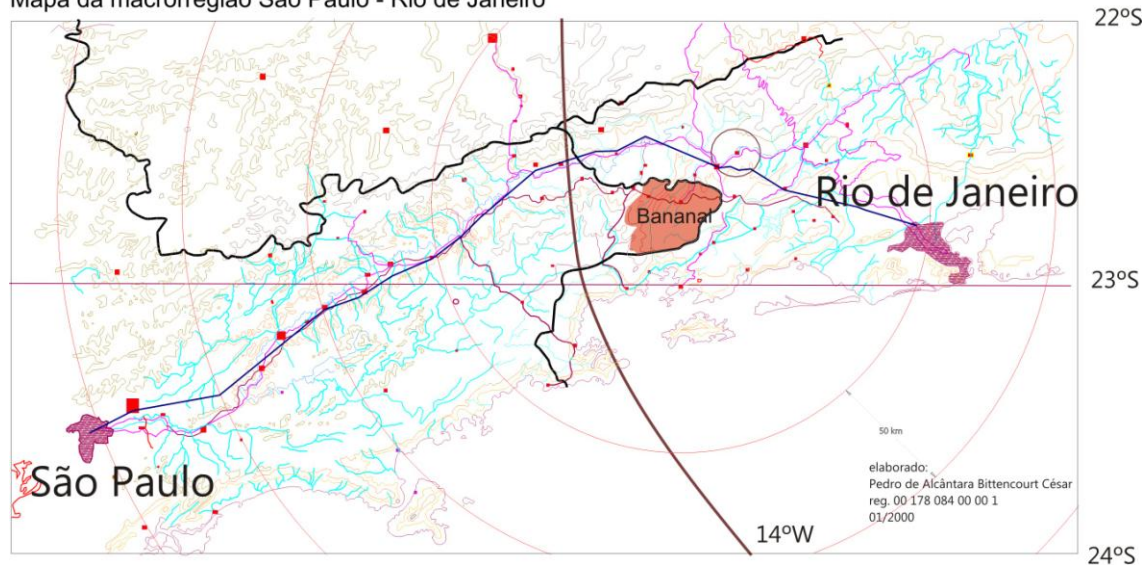
Com esta base realizamos a pesquisa, dando ênfase às propriedades com maior exposição na prática de turismo em área rural do municíio. Desta forma, elencamos os hotéis fazenda Independência, Três Barras e Boa Vista e as fazendas Resgate e Coqueiro, todas abertas à visitação.

CARACTERIZAÇÃO DE BANANAL E REGIÃO

A região leste do Estado de São Paulo apresenta um contorno cônico, tendo ganho a denominação de Cone Leste Paulista. Termo denominado pelo governo do estado como região de São José dos Campos, embora historicamente se defina como Vale do Paraíba. Esta região se compõe da região planáltina, da Serra da Mantiqueira paulista (face sul), da Serra do Mar (trecho norte paulista), limitando-se ao norte com o Estado de Minas Gerais, ao sul, com o oceano Atlântico, ao leste, com o Estado do Rio de Janeiro, e a oeste com a região metropolitana da Grande São Paulo.

FIGURA 4 – Localização De Bananal Com Relação A Região E Dos Centros Metropolitanos

Mapa da macrorregião São Paulo - Rio de Janeiro



Fonte: O autor

O Vale do Paraíba paulista apresenta aspectos geográficos homogêneos, porém de grande diversidade cultural e de importância histórica no cenário nacional. Situa-se, nele, o maior centro de peregrinação da América, além de ter contribuído para o nascimento e formação da única “monarquia ocidental” nos trópicos. Em seus trezentos e cinquenta anos de processo civilizatório ocidental, realiza-se uma diversificada cultura popular. No extremo oriente desta região localiza-se o município de Bananal, objeto deste estudo, que possui características ímpares na construção da história brasileira, além de apresentar belíssima riqueza cênica natural. O município define-se como extensão da histórica Serra do Quebra-Cangalha, situando na Serra da Bocaina (trecho paulista).

Diversos estudiosos descreveram:

A região é excepcionalmente bonita. A superfície do Vale é, em grande parte, plana e de excelente terra agrícola, e nela se encontram algumas fazendas de extrema prosperidade. Ao norte surge a serra da Mantiqueira, um grande maciço sólido com 2700 metros de altura. Galgando-se um quilômetro acima da superfície do Vale, esta área se transformou num ponto turístico montanhoso da região, para os paulistas abastados. É a ‘Suíça brasileira’ embora sem neve. Dois outros blocos de montanhas cristalinas formam o muro meridional do Vale: a serra da Bocaina, à leste, com 2100 metros de [...] [de altitude], e a serra do Quebra Cangalha, à oeste, com cerca de 1200 metros de altitude [...]” (SHIRLEY, 1971, p.27).

A Serra do Quebra Cangalha é uma escarpa da serra do Mar para o interior do continente, que, no extremo do estado de São Paulo, apresenta outra configuração, elevando a altitude e formando a Serra da Bocaina. O nome Paraíba se origina de seu rio. Formado pela união do rio Paraíba e Paraitinga, que nascem nessas serras, e caminham no sentido NW/SE até formarem o rio Paraíba. Altera então o seu curso para o sentido E /NE, afastando-se 600 km, até encontrar o mar no estado do Rio de Janeiro.

O Vale do Paraíba: A colonização do Vale do Paraíba se origina de uma somatória de fatores (CONDEPHAAT, 1986, p.11) e condições naturais. Via natural de passagem entre o litoral e o sertão, desenvolve-se o interesse da metrópole em ocupá-lo e mapear as regiões, principalmente, com a potencialidade para a mineração. Foi colonizado em sistema de sesmaria, em que o proprietário assume ônus comum do governo. Nelas, foram surgindo núcleos de povoamento e exploração agrária.

A descoberta das minas de ouro, no fim do século XVII, reflete-se na consolidação do vale como região de passagem, para as 'gerais', bem como no enriquecimento das famílias dos pioneiros colonizadores. O local é estrategicamente usado pelos paulistas como abastecedor dos garimpos, e o escoamento do minério se faz por trilhas para o litoral, para dinamizar e melhor controlar o ouro. Entre inúmeros acontecimentos, nos interessa um específico. A construção de um caminho transversal do vale, ligando-o ao litoral fluminense, chamado de caminho novo. Este, interligando Minas Gerais a Parati e Angra dos Reis, passa pelo futuro município de Bananal. Outro fato marcante retrata o ano de 1790. Neste período, surgem os primeiros pés de café, que, anos mais tarde, alterariam todo o perfil socioeconômico, transformando casas em Palacetes e lançando a região no sistema mercantilista mundial. Em 1830, começa a produção na região da Bocaina. Desenvolvida como uma marcha, onde florestas são devastadas, sementes plantadas, frutos colhidos, e em algumas décadas, terras cansadas abandonadas. Sua decadência coincide com a abolição dos escravos e a proclamação da república. Entretanto, a decadência desta região associa-se ao momento em que suas terras se tornam "cansadas" para o cultivo do café. Outro fato marcante, para a estagnação econômica, é a mudança dos eixos ferroviários e rodoviários da região da serra da Bocaina.

No período republicano do início do século XX, o Vale do Paraíba, principalmente a região de Bananal, é retratado pelo escritor Monteiro Lobato, que a intitula de 'cidades mortas' (1959). Na metade do século, com a abertura da Rodovia Presidente Dutra e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, a região consolida um modelo industrial. Entretanto, este processo não é alcançado pela região periférica à estrada. No fim do século, os municípios industriais diversificam a economia para o setor terciário, como resposta ao "desemprego da mecânica fina". Assim, algumas cidades adquirem nova tecnologia, transformando-se em centro polarizador de serviços, criando um fluxo migratório e, conseqüentemente, provocando um tipo de êxodo. Paradoxalmente, levam-se as pequenas e bucólicas cidades "à estagnação ou mesmo ao desaparecimento" (SANTOS, 1997, p.51). Bananal, juntamente com outras cidades, compõe uma região homogênea de cidades desde último modelo. A rodovia Presidente Dutra e a Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje usada somente para o transporte de carga, são as vias que definem o eixo estruturante produtivo do Brasil e passam ao longo do Vale do Paraíba. As cidades desses itinerários têm prosperado, com o desenvolvimento da indústria e serviços. Porém, aquelas que não são servidas diretamente por estas artérias viárias permanecem agrárias e economicamente pobres.

A formação de Bananal: A formação de Bananal se inicia quando Manoel da Silva Reis, capitão mór de Guaratinguetá, recebe, em 1778, do governo Real, um lote de terra. Este, distribuído em sesmaria, foi entregue a esse e outros que contribuíram, financeiramente, ou com mão-de-obra escrava para as obras do caminho Novo. Assim, o Caminho Novo da Piedade, que liga o então sertão denominado norte de São Paulo ao Rio de Janeiro é ocupado (LOPES, 1996). Havia, também, outros caminhos que serviam como via não oficial no escoamento de ouro e pedras preciosas ao ligar a estrada da serra do Falcão, entre Minas Gerais e os portos fluminenses. Denomina-se “caminho velho das minas”.

No início do Império, esta região desponta como principal centro produtor e difusor de café. Na fazenda Bahia, de propriedade de José Aguiar Vallin, em Bananal, cultivavam-se mudas para o fornecimento aos fazendeiros que abriam novas produções. Nas décadas seguintes, o município alberga dois dos detentores “das maiores fortunas não só de Bananal, mas de todo Império, no século XIX” (CASTRO, 1995, p.22). O Comendador Manoel da Aguiar Vallin e seu sogro, o também comendador, José de Almeida, foram genes de grande família de cafeicultores. Apesar de nunca terem sido detentores de título nobiliário, seus herdeiros o foram.

Foi também nos anos [18]70 que se construíram as principais sedes de fazenda do Vale do Paraíba oriental, totalmente concebidas em estilo neoclássico. Com elas, projetar-se-ia para a posteridade a imagem de um mundo de poucos senhores com muitos escravos, residindo em verdadeiros palácios, em plena zona rural. A sede do Resgate, conforme a fez a reforma de Vallin nos anos [18]50, pioneiramente, contribuiu para a construção desta imagem (CASTRO, 1995, p.28).

Na arquitetura observam-se as transformações das sociedades. A sede da fazenda Boa Vista “tem uma arquitetura típica da primeira metade do séc. XIX: casa assobradada, de frente para o terreno, com um correr de casas em cada lateral do terreiro, fechando-se por portão a parte fronteira. Da casa, o senhor, controla a mão-de-obra e a produção” (SCHNOOR, 1995, p.39). No entanto, a fazenda Resgate é considerada o principal exemplo, por seu estilo neoclássico. Mandada edificar pelo Comendador Manuel de Aguiar Valim, em 1954. Seu construtor, Mr. Bruce:

[...] trai sua origem, ao adotar para seu modelo a forma de sobradão. O Sobradão inspira-se nas casas senhoriais portuguesas do século XVIII. Tem por característica o porão alto, sob um prédio de um só andar – o pavimento nobre – com uma escada no centro da sua fachada, onde sobressai um pórtico com cobertura, fazendo as funções de varanda. De fato, a Resgate foi reformada e ampliada em 1855, adaptando-se o modelo neoclássico à casa de morar já existente desde princípios do século XIX. Isso se vê nos materiais empregados, pau-a-pique, próprio do princípio do século, e o tijolo de adobe, próprio dos meados do século (SCHNOOR, 1995, p.42).

Com uma fachada frontal neoclássica em forma de “U” assenta os fundos em rés-do-chão. O telhado é coroado com três mansardas, nenhuma sobressaindo para frente. Caracteriza esse jogo de telhado e a distribuição de circulação interna de serviços e pessoal como característicos do “partido mineiro e também encontrado na Boa Vista” (SCHNOOR, 1995, p.42).

Nessas construções, a aristocracia cafeeira definia as funções sociais nos meios rurais. A casa da cidade, utilizada para festas, contatos políticos mais administrativos, e para descanso entre período de entressafas se mantém da estrutura agrária. Entretanto, ao introduzir o neoclássico, a sociedade buscava se aproximar de modos ocidentais. Impunham-se não somente alterações de fachadas, mas de distribuição interna dos espaços a novos modos e costumes. (SCHNOOR, 1995, p.44). A maior prosperidade se dá na década de 1850 e, na

década de 1880, sua produção mostra sinais de decadência. Assim, com o desenvolvimento da produção do café, produzir e morar se confundem (SCHNOOR, 1995, p.35).

Questão fundiária e ambiental hoje: Atualmente, as áreas rurais mantêm características diferentes do período do fausto cafeeiro. A maior parte das propriedades rurais possui áreas entre 10 e 100 ha, seguidas de micro propriedades de zero a 10 ha (CODIVAP, 1971, p.86-87). Entretanto, a maior parte do município é ocupada com propriedades com área entre 100 a 500, seguida das de 500 a 1.0000, que, juntas, ocupam mais de 50% do território. Nas últimas décadas, algumas grandes propriedades rurais foram reutilizadas como hotéis, residências de veraneio, integrando-as à produção. Algumas foram transformadas em “chácaras de recreio”, com sua utilização para lazer e recreação.

Quadro 1 - Área total rural de Bananal

Área total (HA)	Total de imóveis	Área Total	Área total	% dos imóveis
Até 5	71	197,60	197,6	0,42%
Mais de 5 até 10	34	262,00	262,0	0,56%
Mais de 10 até 50	175	4.791,80	4.791,8	10,27%
Mais de 50 até 100	84	5.959,60	5.959,6	12,77%
Mais de 100 até 500	85	18.080,80	18.080,6	38,75%
Mais de 500 até 1.000	12	9.594,50	9.594,5	20,56%
Mais de 1.000 até 5.000	5	7.772,40	7.772,4	16,66%
Total	466		46.658,7	

Dados: SNCR do INCRA, 14 / 03 / 2000

A formação antrópica começa no século XVIII, com a derrubada das florestas. O local sofreu, historicamente, interesses políticos fortes para a sua ocupação. Deste período inicial até a metade do século XIX, a ordem fundiária se sustentava em sistema de sesmaria, que, por um lado, exigia a ocupação da terra para efetivar a sua posse. A partir de 1850 institui-se outro sistema fundiário. A compra e venda se torna o único meio de aquisição de terras, sendo que as propriedades não poderiam exceder a uma sesmaria. Entretanto, interesses políticos e mercantilistas facilitaram a formação de latifúndios, uma nova ordem econômica foi estabelecida na exploração do café. Restavam, com esse ciclo, poucas terras sem a ocupação desta cultura. A formação de roçado, processo em que é queimado o mato, acelera a ‘savanização’, diminuindo a permeabilidade do solo, e seus nutrientes minerais, aumentando o crescimento de ervas em torno do pé de café. As ervas tornaram-se aliadas dos cafezais, combatendo as erosões pluviais e retendo o escoamento de nutrientes do solo, o que, contraditoriamente, era o desleixo da ‘limpa’. Involuntariamente, traziam proveitos para a produção, retendo o escoamento e diminuindo, ou atenuando, a turbulência da vertente, de cada pé de café. Este ciclo só foi percebido por volta de 1870, quando as alterações e o desgaste do solo não ofereciam mais qualquer obstáculo à concentração de sulcos entre as fileiras de cafeeiros. Até esta data, acreditava-se que este solo era fonte inesgotável de produção agrícola.

Estabeleceu-se, a seguir, a pecuária, em função da impossibilidade do aproveitamento agrícola do solo, o que contribuiu para continuar o quadro de degradação ambiental. A compactação superficial decorrente do pisoteio dos animais impermeabilizou ainda mais as vertentes do solo, cobertos por “tufos de vegetação herbácea combinam-se e sobrepõem-se aos grandes relevos, formando a paisagem atual” (CONDEPHAAT, 1986:115).

Na contramão, o turismo tem sido um dos poucos setores que oferece possibilidade de desenvolvimento na zona rural.

O turismo rural pode se definir como indutor de sustentabilidades social, cultural e ambiental. A ele se associa fatores como novas condições de emprego e renda, a valorização de modos e costumes e a valorização ecológica. Sua utilização se contrapõe a um turismo massivo, muito adotado no litoral, por exemplo. Cria-se para ele um demanda específica e bem definida (MARTÍNEZ; MONZANÍS, 2000, p.9). Seu usuário busca associações com valores socioculturais encontrados em áreas distantes dos grandes centros

Sin embargo, el término *rural*, desde el prisma de la sociedad actual, aglutina aspectos socioculturales, económicos, demográficos y físicos, entendiéndose por la escasa densidad demográfica, por conservar los entornos naturales y que, al mismo tiempo, mantienen vivas sus tradiciones sociales y culturales (MARTÉNEZ; MONZANÍS, 2000, p.10).

No espaço rural encontra-se uma variedade de opções turísticas. Sua apropriação espacial se caracteriza por uma grande dispersão territorial. Tal situação o define tanto como diferenciado de um turismo massivo e com aspectos que diluem muitos dos impactos característicos deste último modelo. Esperamos que o turismo rural: Melhore as condições de vida da população local; Contribua para a dinamização econômica; Gere rendas complementares; Incorpore a mulher no mercado de trabalho; Evite novos êxodos; Colabore com as atividades agropecuárias e artesanais; Sustentar e recuperar o patrimônio histórico-arquitetônico; Conserve o ambiente natural; Valorize a cultura local.

Nesta pesquisa, estudamos as relações envolvidas com a utilização da propriedade rural para a visitação, como atrativo e meio de hospedagem. Nela, o investimento em turismo rural se fundamenta em alojamento (criação de novos equipamentos e adaptação de locais), assim como de estabelecimento de serviços de alimentação e estrutura complementar ao turismo. (MARTÉNEZ; MONZANÍS, 2000, p.14). Podemos distinguir as hospedagens rurais por diversas formas (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipificação dos meios de hospedagem no espaço rural

	Hotel rural	Casa Rural	Aluguel de casa rural	Albergue rural	Camping Rural
Serviços oferecidos	Alojamento, restaurante, bar, outros serviços complementar	Alojamento, café da manhã, outros serviços complementar	Alojamento	Alojamento, refeitório, atividades recreativas	Alojamento em barraca, café da manhã
Capacidade	Não limita. Usualmente, menos de 40un.	4 a 20un.	Não superior a 20un.	Não limita. Normalmente, entre 40 a 80un.	4 a 20 un.
Investimento Necessário(*)	Importante investimento inicial	Adequação a hospedagem, (investimento médio)	Adequação a hospedagem (investimento médio)	Adequação integral do imóvel (investimento médio)	Investimento inicial muito baixo
Sazonalidade	Atividade continua	Fins de semana, veraneio, restante do ano com baixa atividade	Fins de semana e veraneio. Também aluguel anual	Todo ano com baixa atividade durante a semana, exceto férias	Grandes feriados
Mão de obra	Exige pessoal treinado	Família com tempo parcial	Poucas horas de trabalho (recepção e limpeza)	Exige poucas pessoas em turno completo	Alguns membros da família em tempo parcial
Relação com o cliente	Intensa	Intensa	Muito baixa	Intensa	Muito baixa

(*) Sem considerar a aquisição do imóvel

Fonte: Adaptado de Martínez e Monzanís (2000)

Com tal abordagem, realizamos levantamento de três Hotéis Rurais além de um dois bens arquitetônicos, aberto para visitação. Estes remetem a base fundamental da utilização do patrimônio cultural na área rural de Bananal.

Hotel Fazenda Independência

Figura 6 – Fazenda Independência



Fonte: O Autor

A fazenda foi estabelecida no período do ciclo do café pelo Sr. Pedro Luiz Pereira e Souza, 1  proprietário. Este recebeu de dote de casamento de seu sogro o comendador Valim. Desde 1995, pertence à família Tumbolo de Jaú (SP). Atualmente, os proprietários residem o Rio de Janeiro, e o contato administrativo, da propriedade se d  com um herdeiro que vive em Teresópolis.

A principal unidade da Fazenda Independência   sua antiga sede. Esta edificação, com características neoclássicas, compõe-se de construção

térrea com porão, com aspecto assobradado. Sua planta, em formato quadrangular, possui um jardim de inverno em seu centro, utilizado para circulação. O andar superior era a residência e o inferior, antiga senzala. O andar superior e seus aposentos não sofreram qualquer intervenção que pudesse melhor viabilizar a gestão do empreendimento. Nenhum aposento foi subdividido, configurando grandes unidades habitacionais. Isto demonstra um respeito ao patrimônio.

A última reforma grande da casa foi feita na década de 1980. Nesta altera-se a entrada da propriedade pela parte térrea, a antiga senzala, com característica de porão habitado. Esta reforma viabilizou o empreendimento como hotel. Respeitou-se a fachada, embora houvesse uma alteração na entrada principal, que passou a ser pelo porão. Este, internamente, sofreu grandes mudanç as, apesar de não ter perdido o aspecto de senzala. A grande intervenção arquitet nica foi a implantação de condições melhores de habitabilidade e a formação de unidades sanitárias na antiga senzala (porão). O empreendimento, para atender novas demandas, ou seja, o seu aumento, utiliza, como recurso, a construção de unidades aut nomas. Esses chalés distanciam-se visualmente da sede da fazenda e apresentam uma tipologia arquitet nica diferenciada. O Hotel começou a funcionar com cinco suítes, na parte de baixo da casa. Atualmente, há oito suítes na parte de baixo (antigo porão), 5 na parte superior (total de 13 dentro da casa), além de cinco chalés externos. Todas essas possibilitam o acolhimento de até 80 pessoas. Entretanto, em geral recebem de 60 a 70 pessoas. Período de alta temporada são os meses de férias (junho e julho; janeiro até o carnaval).

Na propriedade, de 220 alqueires mineiros (1.065 ha) produz-se gado de corte, além de horta de hortaliç as e produção de leite para consumo. O pasto   arrendado. A produção da fazenda abriga dez funcionários, sendo seis no hotel. A gerência do estabelecimento hoteleiro, assim como do setor produtivo agrário   gerida por moradores locais. Esses mant m fortes relações, mesmo que informais com outros gestores. Nesta horizontalidade social, entre ele, com funcionários (gerentes/recepcionista) de outras propriedades e da prefeitura facilitam a formação de demanda e a utilização de outros empreendimentos, para melhor atender as necessidades do empreendimento e da demanda.

A instalação de equipamentos de lazer respeita a composição paisagística do patrimônio arquitetônico. Dispõe de piscina, sala de ginástica, sauna seca, sinuca, passeios a cavalo, trilhas e lago para pesca, churrasqueira. As instalações são cercadas por Paisagismo de Burtel Marx. Dom Pedro I, Washington Luiz e o poeta Pedro Pereira de Souza são alguns dos hóspedes ilustres.

Na fazenda, não há qualquer identificação patrimonial. Nota-se um forte legado que a associa à aristocracia Imperial, ao ciclo cafeeiro e à Independência do Brasil. A gestão hoteleira não faz qualquer relação com estas condições. Observa-se uma precaução em estabelecer uma capacidade máxima de usuários que não altere a dimensão cotidiana. Desta forma, os objetos e utensílios diversos que retratam a ruralidade e o fausto cafeeiro compõem-se como objetos do hotel.

Hotel Fazenda Boa Vista

Os funcionários da hospedagem Boa Vista somente estão preparados para receber hóspedes com ampla antecipação de agendamento. Assim, a falta de treinamento, impossibilita ao atendimento com polidez a hóspedes e visitantes inesperados. Situação que desqualifica toda uma proposta patrimonial do empreendimento.



A área resume a propriedade definida pelo empreendimento hoteleiro. Essa se configura como uma pequena chácara de 3,6 alqueires mineiros, com característica da antiga propriedade, que tinha como sede o atual hotel. O funcionamento do hotel iniciou em 1972. Embora os gestores aleguem que o hóspede buscam tranquilidade, o grande apelo desta propriedade é sua utilização por grupos de filmagem que fecham as propriedades para outros visitantes. Há trinta unidades habitacionais no hotel, acomodando até 120 pessoas. No total, 15 funcionários trabalham na propriedade/hotel. A única atividade produtiva

é a hoteleira.

A Fazenda Boa Vista representa, hoje, a construção mais suntuosa de Bananal, razão esta que possibilitou a sua associação iconográfica com inúmeras produções audiovisuais. Foi, assim, durante décadas, transformada em locação (set) de filmagem. Em períodos de filmagem no local, o hotel fica fechado.

A gestão hoteleira, atualmente, não tem definida sua demanda. Confunde desta forma, seu público, acreditando que este somente virá dos meios artístico-culturais. Há alguns elementos de interpretação patrimonial das antigas áreas de filmagem, desprezando a valoração do patrimônio arquitetônico. Observa-se nitidamente que o principal elemento desta antiga propriedade cafeeira está em sua história e na sua materialização nesta grandiosa edificação neoclássica.

Os equipamentos de lazer não respeitam a composição paisagística do patrimônio arquitetônico. Estão disponíveis piscinas, piscina aquecida, saunas (seca e vapor), quadra poliesportiva, quadra de tênis, campo de futebol, campo de vôlei, cavalgadas (cavalo e charrete), salão de jogos, pomar, pesca esportiva, trilhas ecológicas, monitor infantil (temporada), parque infantil. Há aluguel de quadriciclo.

Fazenda Resgate

A fazenda Resgate representa um dos melhores exemplos de conservação patrimonial no país. Nesta propriedade, de uso e função privada, seu proprietário mantém uma constância profissional de restauro em seu interior. Embora, utilizada pela família do proprietário, parte da residência é aberta a visita. O atendimento para visitas guiadas deve ser agendado previamente e acontece de 3ª feira pela manhã e de 4ª a 6ª feira das 8h às 15h30. Podem acontecer também nos Sábados e domingos com autorização do proprietário. Em geral, os grupos são de estudantes e terceira idade. No máximo vinte pessoas entram por vez na casa, com pantufas (só para estudantes). Pede-se para não usar flash em fotos e não se permite fotografar a capela.

A fazenda Resgate é e foi referência patrimonial do Vale do Paraíba, condição esta observada por seu tombamento como Patrimônio Arquitetônico Nacional. A propriedade com cerca de 600 alqueires mineiros é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Assim como todos os outros proprietários analisados, não tem qualquer relação direta memorial com o ciclo cafeeiro.

Atualmente, há 14 quartos, 12 banheiros e 9 salas na casa, que atende as necessidades sociais do atual proprietário. Este empresário do setor terciário a utiliza como segunda residência de lazer. Desta forma, são marcantes quatro espaços definidos na propriedade: espaço restrito de utilização da família; espaço restrito de restauro; espaço de utilização morador-visitante e espaço de visita. Quando a residência é utilizada pelos familiares do proprietário, a visita é interrompida. Há um comprometimento parcial com a constituição do patrimônio como produto turístico. Observa-se que no decorrer das décadas houve alterações na forma da relação visitante e visita. Entretanto, a excentricidade do proprietário sempre favoreceu a sua exposição. O patrimônio mantém uma política interna de restauro. Porém, não foi observado a existência de elementos desta relação de conservação e a interpretação patrimonial. Embora seja um patrimônio preservado, não há exposições, conforme recomendação das cartas patrimoniais, retratos das intervenções arquitetônicas e artísticas efetuadas. Parece que tais intervenções são realizadas (principalmente a arquitetônica), com certo amadorismo. Foram realizadas alterações nas fachadas e no interior da residência. Não há qualquer estudo de capacidade de carga ou outros métodos de quantificação de suporte, entretanto, há, por parte dos gerenciadores das visitas, uma preocupação que estas sejam feitas em pequenos grupos. Essas alterações não comprometeram uma paisagem ambiental e arquitetônica do patrimônio.

Hotel Fazenda Três Barras

A gestão e propriedade do empreendimento hoteleiro Três Barras atende pesquisadores e visitantes de uma forma atenciosa e com polidez. Mesmo estando passando por nova administração há um grande interesse em atender a demanda do turista.

A propriedade é resultante de uma antiga propriedade de 1813. Entretanto, a hotelaria é parte independente da antiga fazenda, que recebeu em séculos passados ilustres visitantes como o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) e o monarca Dom Pedro II. Esses são hoje nome dos aposentos que utilizaram na hospedagem. Ressalta-se que são suítes em que cada uma dessas acomodações tem dois quartos. A demanda da hospedaria tem uma oferta de três chalés e 13 suítes. A capacidade é de cerca de 70 hóspedes. Houve uma ocasião em que foram acomodadas 120 crianças, com a inserção de beliches. A fazenda recebe diversos grupos de escolas. Tem forte apelo de turismo pedagógico. O gerenciamento é feito por Bananal, principalmente. O empreendimento tem diversos sócios.

Na propriedade total há a produção de gado leiteiro, esta sendo criado um haras, e existe pequena propriedade agrícola. Nela repete a condição paisagística da Fazenda Independência, sendo a menos imponente das cinco propriedades avaliadas. O empreendimento mantém um complexo de lazer definido para práticas esportivas equestres e aquáticas, entretanto, toda esta estrutura foi projetada respeitando a definição de uma paisagem com o patrimônio arquitetônico.

Os aposentos mantêm elementos de interpretação patrimonial, remetendo a JK e a D. Pedro II, conforme já pontuados, que eram frequentadores da propriedade. Na propriedade, foram localizados funcionários de família tradicional do município. A proprietária, nascida na região, foi localizada no empreendimento.

Fazenda dos Coqueiros

O processo de visitação começou há quase vinte anos, recebendo pessoas que se interessavam em visitar ao passar pela estrada. Sua origem se deve ao professor de história Newton Teixeira que trouxe um grupo e apresentou a história da fazenda. A partir de então, o acervo e a história são apresentados, em um roteiro de visita.

Os gestores da fazenda estão envolvidos com a formatação da localidade como produto turístico. Assim estivera participante de antigas ações realizadas pelo Sebrae. O atrativo envolve ações de integração com inúmeros empreendedores da região, entretanto atualmente o Sebrae-SP não os reconhece como instância de governança. A demanda é, principalmente, proveniente de São Paulo (cerca de 60%), e do Rio de Janeiro. Na maioria, são grupos de estudantes. Recebe, em média, um ônibus por semana, quantidade com expectativa em aumento. A visitação agrega valores diversos como souvenirs, e produtos alimentícios artesanais. Devido a solicitações dos organizadores dos grupos, criou estrutura de alimentação na fazenda. A visitação turística responde por 10% da renda da propriedade. A produção leiteira custeia a mão de obra da propriedade. Os recursos do turismo cobrem os serviços de manutenção da propriedade.

A mesma produz, também, leite, eucalipto e banana. Nos períodos de férias escolares a demanda praticamente extingue, uma vez que seu público é, principalmente, grupos de estudantes.

Os proprietários não são herdeiros do ciclo cafeeiro. Entretanto a propriedade, de 150 hectares, encontra-se com a família há décadas. É uma antiga fazenda onde viveu a família e onde se manteve uma preocupação em apresentar objetos que caracterizassem o ciclo

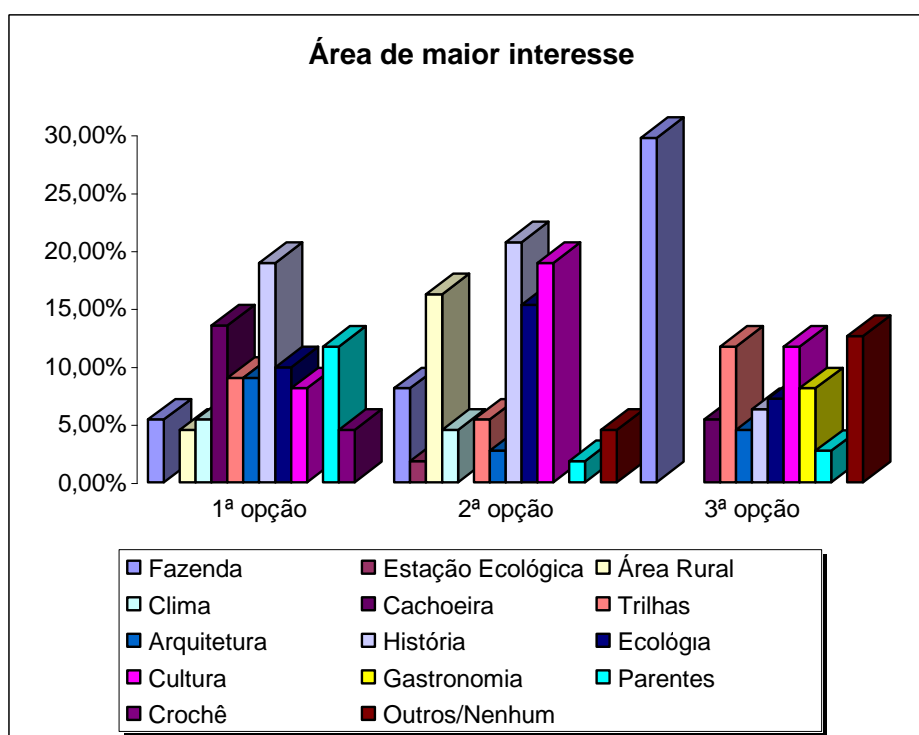
cafeeiro. Nota-se um comprometimento com a composição do produto turístico, a visitação é guiada por funcionários da própria fazenda.

CARACTERIZAÇÃO DA DEMANDA

Realizamos pesquisa para compreender seu perfil, suas ambições e realizações na cidade. Assim, desde conjunto, compreende-se melhor o papel da prática do turismo rural, e da utilização do patrimônio arquitetônico.

Os turistas encontrados, normalmente, realizaram pequenos roteiros rodoviários. Desta forma, os paulistas representam um pouco mais de $\frac{1}{2}$ do seu total, o que complementa com do vizinho estado do Rio de Janeiro. Outros são exceções. Embora a imagem da cidade seja apresentada em muitos filmes e novelas, sua imagem tem um baixo impacto publicitário na formação do interesse em conhecê-la. Estuda em livros escolares, de historia e arquitetura, seu impulso vem mais de depoimentos de amigos.

Quadro 3 – Caracterização do tipo de turismo realizado

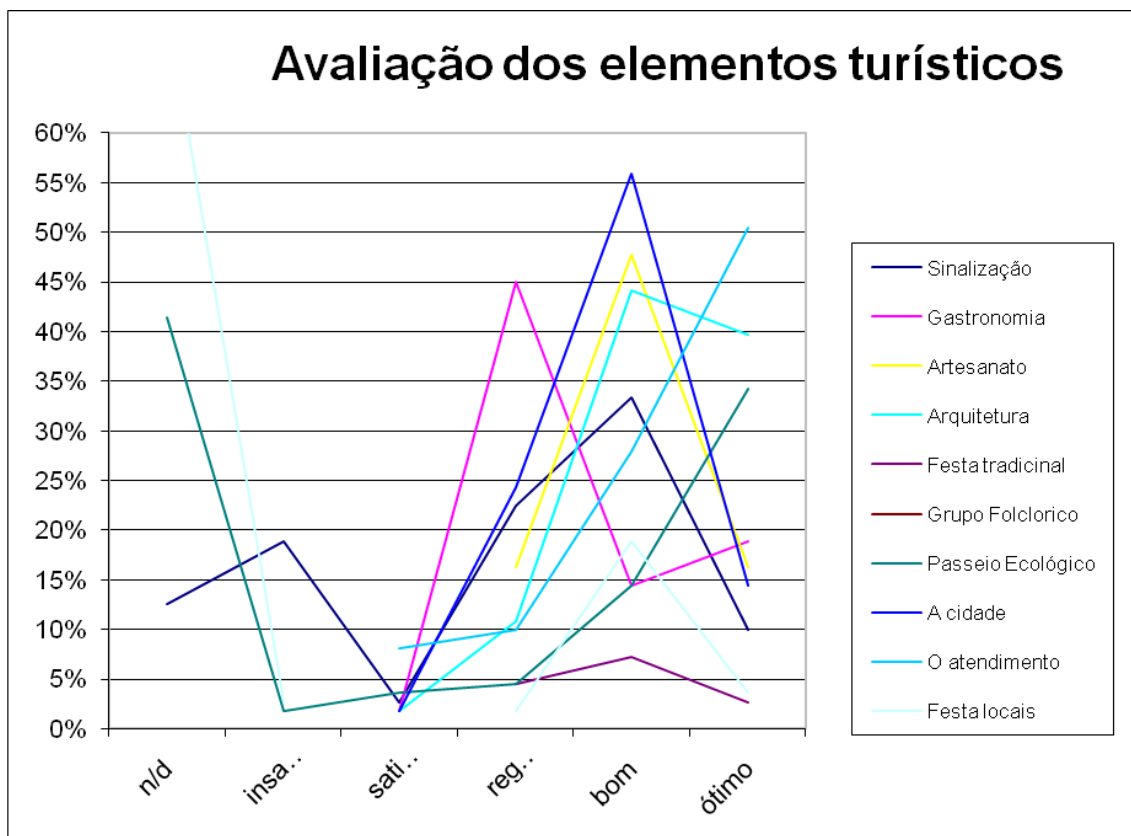


Fonte: Levantamento da cidade (fev/2009)

Entretanto, existem três segmentos consolidados e marcantes. O maior motivo para a ida a Bananal é o ecoturismo, e representa mais de 40% do total. Praticamente com uma somatória idêntica estão os motivos culturais e familiares. Esses números ficam mais explícitos quanto a áreas de interesse. Uma peculiaridade, o aparecimento do interesse de 'negócios', mesmo que com números modestos. Este associa à compra de artesanato em fios (crochê). Por outro lado, não é possível detectar a sua outra tendência, embora em entrevista em campo.

Analisando a primeira motivação da viagem, os fatores naturais (Fazenda, Área rural, Cachoeira, trilhas e Ecologia) representaram aproximadamente a metade, com 47,75%. Desses, dois fatores são próprios do Turismo Rural, o que representa aproximadamente 10%. Assim, de dividimos as práticas, o Ecoturismo representa aproximadamente 40%. O trinômio “Arquitetura – História – Cultura” representou um pouco mais de 1/3 dos interesses primários. O turismo familiar (visitar parente) representou 1/5 dos motivos da viagem e 1/10 dos interesses primários.

Quadro 2 – Notas para os elementos turísticos



Fonte: Pesquisa no local (fev/2009)

A gastronomia e a Estação Ecológica não constituem interesses primários. Representam, entretanto, valor agregado, na composição das motivações da viagem, posicionando-se com quase ¼ das respostas. Outros fatores ligados ao turismo natural somaram 27,03%, e a Arquitetura – História - Cultura subiram para 42,34%, porém não houve grandes alterações de expectativas. Na 3ª opção, o fator marcante são os números relacionados ao interesse pelas fazendas. Apresenta-se uma tendência de aumento desde a Segunda opção, que passou de 5,41%, como 1ª opção para 8,11% na 2ª opção, alcançando 29,73% na terceira opção, o que representa um aumento de expectativa de 150 e 366%. Na somatória, sua importância atinge 43,24% do público entrevistado, ficando atrás somente dos interesses pela história com 45,95%. Observa-se que Trilhas têm o interesse de mais de ¼ dos visitantes e os menores interesses são, dos itens selecionados, o clima (9,91%), o Crochê (4,5%) e, finalmente, a Estação Ecológica com 1,8%

Os entrevistados atribuíram notas para a Sinalização, a Gastronomia, o Artesanato, a Arquitetura, as Festas Tradicionais, os Grupos Folclóricos, o Passeio Ecológico, a Cidade, de um modo geral, o Atendimento e as Festas locais (Quadro 2). Nestas notas, quando o turista ainda não havia vivenciado o suficiente para avaliar, ou desconhecia algum quesito, era dada a nota zero ou, no Gráfico 13, o n/d. As notas variaram de 1 a 5 e representam, respectivamente, insatisfatório, satisfatório, regular, bom e ótimo. As duas primeiras notas foram consideradas negativas e as duas últimas satisfatórias.

Pode-se definir o perfil da demanda por três segmentos: O turismo histórico cultural, que interage em função de seu casario imperial de arquitetura marcante; o turismo ecológico, com as suas trilhas ecológicas, que, há dois séculos, eram trilhas do ouro, e outras trilhas desenvolvidas pela prática desta atividade, além da opção da Estação Ecológica para os pesquisadores e, finalmente, o turismo rural, que tem, como diferencial, as fazendas centenárias. Todos fazem um pouco de cada tipo de turismo pré-definido na região bananalense, onde o viajante, na busca de quadros de Villaronga, acaba percorrendo trilhas e entrando em contato com o ambiente natural. Porém, cada turista apresenta um perfil diferenciado que o inspira a ir ao local.

O turista ecológico é o amante da natureza, normalmente munido de máquinas fotográficas sofisticadas. Paulistano, entre 17 a 35 anos de idade, de ambos os sexos, com ligeira predominância de mulheres. Tem uma renda de mais de 15 salários mínimos, sendo que as profissões predominantes são as de biólogos, de engenheiros afins à questão ambiental, de ecólogos, de jornalistas ou de pessoas que têm a fotografia ou a caminhada como hobby, ou, ainda, um membro de ONG. Possui, no mínimo, o colegial e pertence às classes média e média alta. Tem características aventureiras e esportistas e sabe que encontrará uma trilha diferencial, pela pavimentação centenária. Apresenta baixa fidelidade. Integra o turismo de estudo, de aventura, com seus segmentos afins.

Os visitantes envolvidos com o turismo histórico-cultural são os professores de história, arte, arquitetura, ou próximos destas áreas, bem como seus estudantes. A clientela predominante é de brasileiros residentes no Vale do Paraíba, de escolas particulares, com o intuito de realizarem uma pesquisa cultural. Têm interesse na arquitetura imperial, que é impar nesta cidade-monumento. Apesar da baixa taxa geral de retorno, esta é representativa nas pessoas com ligações familiares com a região. Gostam de desenvolver um *tour* de gastronomia e aproveitam os feriados, ou programas escolares, para viajarem.

CONSIDERAÇÕES

O turista rural tem um diferencial de tipificação, primeiro porque, na conceituação, desenvolve-se um turismo rural no conceito clássico, mas, também é de lazer e histórico-cultural, pela oportunidade de apreciar as edificações locais. Dois segmentos são marcantes: o da melhor idade e o turista familiar. O primeiro grupo participa de programas desenvolvidos pelos hotéis-fazenda. O segundo grupo é formado de turistas oriundos de cidades de grande conurbação urbana, que esperam o descanso e o restabelecimento do estresse diário. Têm, normalmente, filhos pré-adolescentes e pretendem desenvolver uma dinâmica familiar. Estão em férias, procuram tranquilidade e também desenvolvem, com muita constância, o turismo ecológico.

Todos os segmentos permanecem em hotéis. Desenvolvem um pouco de vários tipos de turismo, transformando a viagem numa experiência três-em-um, com a oportunidade de desenvolverem uma vivência de cultura, ecologia e bucolismo.

A gravação de novelas, entre outras produções audiovisuais, define um tipo específico de cliente das fazendas de Bananal. Essencialmente, a demanda é oriunda de São Paulo e Rio de Janeiro. O público carioca, ao longo da década, tem sido substituído pelo paulista. Este último, mais introspectivo e curioso quanto aos aspectos patrimoniais, enquanto a demanda carioca é mais interessada na fruição do ambiente natural, através da realização de trilhas, visitas a cachoeiras etc.

REFERÊNCIAS

BENINCASA, V. *Fazendas Paulista: Arquitetura rural no ciclo do café*. Tese de Doutorado. São Carlos: DAU-EESC-USP, 2007.

BOGDAN, R.C., BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Conceituação das Características Divulgadas na Contagem da População de 1996*. 2011. Disponível em <Diretório FTP /Censos/Contagem_da_Populacao_1996 em ftp.ibge.gov.br> Acesso em 8 de fev. 2011, 18:03:20.

BRASIL. Ministério da Cultural. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cartas Patrimoniais*. 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=158344E32B61A2F89890805F7F222CD1?id=12335&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>> , Acesso em 12 fev. 2010, 10:30:00

BRASIL. Ministério do Turismo. *Segmentação do Turismo, Roteiros do Brasil*, programa de regionalização do Turismo. Roteiros do Brasil. Brasília: MTur, 2007a.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural*. Brasília: MTur, 2007b.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo Rural: Orientações básicas*. Brasília: MTur, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo; Ministério de Desenvolvimento Agrário. *Panorama: Turismo rural e agricultura familiar*. Brasília: MTur, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo; Ministério de Desenvolvimento Agrário. *Turismo e agricultura familiar: patrimônio natural e cultural preservado*. Brasília: MTur, 2008.

CARRILHO, Marcos José. *As fazendas de café do Caminho Novo da Piedade*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP, 1994.

CASTRO, H.M.M. Manuel de Aguiar Vallin: um homem e sua casa. In. CASTRO, H.M.M. et al (orgs.). *Resgate: uma janela para o oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p.19-30.

- CÉSAR, P. de A.B.; STIGLIANO, B.V. Uma nova ruralidade brasileira. In. *Revista Perspectivas Rurales Pobreza y Nueva Ruralidad*, San Jose, Costa Rica, v. 4, n. 2, 2000a, p. 107-122.
- CÉSAR, P. de A.B.; STIGLIANO, B.V. Implantação do turismo rural no Vale do Paraíba paulista: estudo de modelos. In. *Revista Turismo em Análise*, ECA/USP, São Paulo, v. 11, n. 2, 2000b, p. 90-97.
- CHIZZOTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- CODIVAP (Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba). *Caracterização do conhecimento Vale do Paraíba*. São Paulo, 1971.
- CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. *Bananal: Estudo de tombamento*. São Paulo: 1986.
- CONDEPHAAT. *Bananal núcleo histórico*. Organizado por José R. FABRICIO JUNIOR. São Paulo: CONDEPHAAT (Datilografado) [1980].
- GRAZIANO DA SILVA, J. *O novo rural brasileiro*. Campinas: UNICAMP, IE (Coleção Pesquisas, 1), 1999.
- LABORIE, P. S. *The coffee planter of Sant Doming: with An Appendix*. Londres: Dadell and W Davies, 1789.
- LEFÉBVRE, H. (1986). Perspectiva da sociologia rural. In. MARTINS, José de Souza Martins (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986, p.163-190.
- LOPES, P.M.P. *O projeto bananal, caminhos para leitores e criticas da realidade*. São Paulo: Dissertação de mestrado, Geografia Física, USP, 1996.
- MARTÍNEZ, F.J. MONZONÍS, J. S. *Alojamento rural, gestão e comercialização*. Madri: Sintesis, 2000.
- PELLEGRINI FILHO, A. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papyrus, 1997.
- ROQUE, A.M.J. (coord.). *Guia turismo de campo: turismo rural no estado de São Paulo*. São Paulo. Turismo de Campo Ed., 2006.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SARACENO, E. O conceito de ruralidade: problema de definição em escala europeia. *Seminário INEA: Desenvolvimento nas áreas rurais*. Roma, 1996.
- SCHNOOR, E. Das casas de morada às casas de vivenda. In. CASTRO, H.M.M.; SCHNOOR, E.(orgs.). *Resgate: uma janela para o oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p.31-62.
- SHIRLEY, R.W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1971.